

Corpo x espelho em *Espelho, espelho meu* de Fanny Abramovich<sup>1</sup>Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo trabalha a representação do corpo e sua relação com o espelho, na obra *Espelho, espelho meu* (2009) de Fanny Abramovich. Reflete os corpos das personagens centrais da obra – Malu e Débora, mãe e filha respectivamente, que se encontram num processo de transformação, uma entrando na meia-idade e a outro na adolescência. Trata, ainda, da simbologia que o espelho representa no universo literário e suas implicações nas impressões que as personagens têm de si e de suas identidades. Para tanto, recorre a teóricos como a professora Silvana Carrijo, que trabalha a literatura infanto-juvenil; Elódia Xavier, estudiosa das representações do corpo feminino; Antônio Cândido, ao tratar da função humanizadora da literatura; dentre outros que servem de aporte para os temas trabalhados.

**Palavras-chave:** Corpo. Espelho. Identidade.

**Abstract:** This study works on the representation of the body and its relation with the mirror, in *Espelho, espelho meu* (2009) of Fanny Abramovich. Analyses the bodies of the main characters of the work - Malu (mother) and Débora (daughter) who are in a process of transformation, one entering the middle age and the other in adolescence. It also deals with the symbolology that the mirror represents in the literary universe and its implications on the characters' impressions of themselves and their identities. For this, it resorts to such theorists as Professor Silvana Carrijo, who works in children's literature; Elodia Xavier, a scholar of the female body representations; Antônio Cândido, in dealing with the humanizing function of literature; Among others that serve as contribution to the themes worked.

**Keywords:** Body. Mirror. Identity.



## Considerações Iniciais

O corpo é um ícone importante na vida dos seres humanos. Desde sempre, as relações sociais, mercadológicas, psicológicas se inscreveram num universo em que a leitura do corpo é importante. É sabido que o corpo fala, ele é um interlocutor das aspirações e iden-

<sup>1</sup> Uma versão deste trabalho foi apresentada no Congresso de Estudos Literários - Estudos culturais e pós-coloniais: literatura e voz subalterna, da Universidade Federal do Espírito Santo e publicada nos anais do evento.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista Capes. Email: lilian.lima86@gmail.com.

tidades humanas, pois traz em si marcas que revelam uma trajetória de vida, conquistas e decepções.

O corpo constitui, também, numa das categorias presentes no texto literário, carente de uma atenção e reflexão acerca de si e de suas especificidades. Haja visto que a depender do olhar que se lança sobre ele, pode-se criar uma realidade magnífica, realizada, por um lado, ou uma vivência desastrosa, confusa, transformando-o num verdadeiro vilão, por outro. Nesse sentido, é preciso desmistificar o corpo, percebendo e analisando as identidades nele inscritas, desconstruindo estereótipos, preconceitos, derrubando as prisões que ele pode representar.

Segundo Grosz *apud* Xavier (2007, p. 23), “[...] o corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas.” Por isso, passível de revisão, transformação, ou seja, o mesmo corpo que liberta, que pode exercer e usufruir do livre arbítrio, também é capaz de aprisionar. Nesse sentido, ao entender o corpo como um construto social, o ser humano tem a possibilidade de lançar-lhe olhares diversos, podendo optar por tê-lo como um aliado ou como um inimigo.

Nesse contexto, destacamos uma função importante do texto literário que é a sua função humanizadora; esta pode contribuir para uma compreensão mais aprimorada do corpo e suas multiplicidades, fazendo-nos verter um olhar mais positivo sobre ele. A esse respeito, Antônio Candido (2004) revela que “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180). Acrescentemos o desenvolvimento de uma maior compreensão para com nós mesmos.

Feitas algumas considerações iniciais sobre o corpo, voltemo-

nos agora para a obra literária que nos servirá de aporte para reflexão acerca do corpo x espelho. Destacamos, antes de mais nada, que a literatura infantil e juvenil consiste num dos campos literários em que o estudo e a reflexão sobre o corpo, também, se inscrevem. Diante disso, estudaremos a obra *Espelho, espelho meu* (2009) de Fanny Abramovich.

Em poucas palavras, a obra analisada conta-nos a história de duas mulheres em fase de modificação, a saber: Malu e Débora, mãe e filha respectivamente. Inseridas num contexto familiar, elas vivem as desavenças com seus corpos diante do espelho, envolvendo o leitor num universo de emoção, conflito e identidades em trans(formação). A obra é dividida em dois capítulos. O primeiro, *Débora, na flor da idade*, traz as aventuras da adolescente, iniciando um ciclo de sexualidade, fertilidade e mudança corporal – a passagem da infância para a vida de “gente grande”; o segundo por sua vez, é intitulado *Malu, na meia idade*, e nos revela as descobertas, conflitos e transformações de um ciclo que se encerra. Diante disto, podemos inferir que se trata de uma obra de gerações, fazendo uma reflexão sobre os ciclos de vida feminino e seus conflitos.

Sobre os melindres do texto literário, Carrijo (2011, p.5) afirma que “[...] Fanny Abramovich lança mão do recurso do humor para tratar de tema tão complexo e delicado como o é o do impacto da passagem temporal sobre o corpo”. De fato, trata-se de uma narrativa bem humorada, trabalhando ao mesmo tempo com seriedade, complexidade e leveza as batalhas travadas pelo corpo, e pelas identidades que se reconfiguram. O fluxo de consciência é, também, constante na obra, reverberando para o leitor as angústias e o conflito interno vivido pelas personagens. Cabe ressaltar ainda, as ilustrações, feitas por Vivian Altman. A ilustradora faz uso de imagens construídas a

partir de massa de modelar, traduzindo toda mobilidade, maleabilidade que tanto o corpo e a identidade nele refletida, quanto a obra em si representam, conforme ressalta Carrijo (2011).

### ***Espelho, espelho meu***

O espelho é um símbolo importante, que desde tempos remotos habita as obras literárias. Exemplo disso, no campo da literatura infanto-juvenil, é a obra dos irmãos Grimm intitulada *Branca de Neve e os Sete Anões*, de onde Fanny Abramovich empresta a expressão *Espelho, espelho meu* que nomeia a obra em estudo. Brota desse empréstimo um elemento característico do texto literário, a intertextualidade.

A obra *Branca de Neve e os Sete Anões* dispensa resumos, visto que já se encontra registrada no imaginário de todos nós. Ela apresenta o espelho como interlocutor da madrasta de Branca de Neve, uma rainha narcisista e malvada. Ele tem o poder de varrer o mundo em busca de belezas, verificando a existência de alguma que superasse a perfeição da rainha, beleza hegemônica, até a revelação de que Branca de Neve a havia superado.

O espelho, segundo Sandra Puff (2011), consiste numa superfície que tem por função refletir a luz, a imagem, dando origem a uma especulação, uma procura. No entanto, o espelho agrega em si muitas características, definições e simbologias. Inserido no meio literário, o espelho consiste num símbolo. A esse respeito, Bernardo Willrich (2012, p. 07) revela:

A palavra símbolo, que vem do grego “symbolon”, se refere a um objeto físico ao qual é atribuído, por duas ou mais pessoas, um determinado significado.

[...]Assim, o objeto físico do espelho – ou seus equivalentes na natureza e no mundo físico, como o reflexo num lago, ou no vidro de uma janela – é propício a ser escolhido como metáfora para uma série de conceitos. Isso o torna um tema importante no campo dos estudos literários.

Em se tratando de *Espelho, espelho meu* (2009), percebemos que o espelho, interlocutor importante das personagens que protagonizam a obra, aparece como um vilão. Vilão porque reflete uma imagem que suas interlocutoras não gostariam de ver, principalmente de ter, reforçando uma situação negativa de deformação em relação aos seus corpos. Nesse sentido, “todos esses reflexos, ou fragmentos, revelam a elasticidade que o símbolo do espelho pode apresentar, já que ora transmite a ideia de revelação, ora a de imperfeição ou deformação” (WILLRICH, 2012, p.09).

Cabe a lembrança neste momento, da questão do duplo e sua presença na obra de Fanny Abramovich. Carrijo (2011) revela-nos que o espelho configura-se no espaço em que o duplo habita, por isso, sua aparição na narrativa reside na perspectiva de que as personagens Malu e Débora são a configuração dessa duplicidade. Num dos momentos em que mãe e filha se encontram, o narrador ratifica essa ideia:

[...] As duas, rindo. As duas, palpitando. As duas, tendo ideias. As duas, se atirando nas pilhas e redescobrimo possibilidades. As duas, misturando esporte e chique, velho e novo, sexy e recatado. As duas, arrumando o que ficaria em casa, agora com a filha. As duas, infelizes e felizes se vendo na frente do imenso espelho. As duas, se sentindo uma espelho da outra. (ABRAMOVICH, 2009, p. 36)

A partir desse ponto de vista, “[...] Débora tem a juventude que Malu perdeu; Malu representa muito do que Débora não quer

para si. Não é somente o espelho material que aparece na narrativa; as duas funcionam como espelho uma da outra (CARRIJO, 2011, p.07).” Willrich (2012), nesse aspecto dialoga, com Carrijo (2011), no que tange á elasticidade do espelho, tanto o material quanto o imaterial.

### Débora diante do Espelho

Débora, adolescente, vive sofrendo com as transformações e com a insatisfação com o próprio corpo. A narrativa já inicia com a garota diante do espelho, observando-se e avaliando-se.

Pela 15ª vez naquela tarde, Débora se olha no espelho. Não, não tem jeito... Gordota, branquela de doer na vista, perna fina, fina. O busto? Só procurando com binóculos, de tão achatado e pequeno. Em compensação, está crescendo tanto que vai acabar ficando mais alta do que qualquer menino. Uma gigante, com braços curtos. Um verdadeiro horror! (ABRAMOVICH, 2009, p. 07)



Marcada pela insatisfação com um corpo ainda em (trans)formação, Débora vive conflitos comuns ao de todo adolescente, que está saindo da infância, da proteção familiar para um universo em que ele próprio quer mais independência, liberdade, e, claro, tornar-se logo um adulto. Esse processo, no entanto, é bastante doloroso, pois, como vimos no trecho citado, as transformações físicas não atendem necessariamente à imagem que esses sujeitos fazem de si ou que gostariam de possuir.

De acordo com Luiz Carlos Rena (2006):

A palavra ‘adolescência’ é derivada do *adolescere*, verbo latino que significa ‘crescimento’ ou tem o

sentido de ‘crescer até a maturidade’. [...] O processo de adolecer implica no reconhecimento de um novo corpo em torno do qual se reorganiza as identidades [...] como construtos sociais que têm impacto sobre a vida do indivíduo e sua sociedade. (RENA, 2006, p. 31, grifos do autor)

Rena (2006) reflete sobre o fato, dentro desse processo de metamorfose, do adolescente desejar tornar-se um adulto de súbito. Fator que o leva a sofrer com uma grande angústia, visto que viveriam numa espécie de “limbo”, pois deixou de ser criança, mas não alcançou ainda a escala de ser adulto. Processo esse que consiste em viver a identidade em sua dinamicidade, uma vez que é nesse momento que ela vai ser reformulada e, por conseguinte, reconstruída, mas nunca se formará plenamente. Sobre isso, lembremos Stuart Hall (2005), quando afirma que, nossas identidades são cambiantes e múltiplas, e que a identidade plena, consolidada é na verdade uma fantasia.

Então, a adolescência, mais do que um processo biológico, reflete um processo, tanto social quanto cultural, em que a crise de identidade se instaura, conforme afirma Rena (2006). Há de se destacar, em termos de crise de identidade, “[...] aquelas que se referem à dimensão da sexualidade. A definição de uma identidade sexual e dos papéis sexuais no âmbito do grupo social são questões a serem respondidas o quanto antes por adolescentes de ambos os sexos” (RENA, 2006, p.35). Para tanto, a interação social cumpre um papel importante. Além disso, o despertar da sexualidade traz consigo a vontade de tornar-se objeto de desejo, esse corpo adolescente quer ser visto e por sua vez desejado pelos outros. Débora, ao vislumbrar o próprio corpo, em diálogo consigo mesma, deixa clara a vontade de ser vista, de tornar-se objeto de desejo.

Na rua, passando com seu andar mais ensaiado, não viu ninguém reparando nela. Assobio? Uma gracinha, mesmo das mais sem graça? Não ouviu... Ah, daria a vida para ouvir alguém cantarolar como se ela fosse a *Garota de Ipanema*, aquela que 'Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela menina que ri e que passa, seu doce balanço a caminho do mar'... (ABRAMOVICH, 2009, p.08, grifo da autora)

Outro comportamento relevante a se comentar na personagem Débora é a importância representada pelo grupo. Destaca-se, assim, um comportamento grupal, uma necessidade de se igualar aos outros, ou seja, uma espécie de enquadramento social. O trecho a seguir exemplifica tal fato:

*Intervalo. Escovadelas again, claro. E conversar com a turma. Parece que combinamos. Estamos com roupa do mesmo estilo. Cores e feitios da moda. Lindas! [...] Mônica arrumou um colarzinho fantástico. De tarde vou com ela comprar um igual. Não posso viver mais um dia sem um assim. E o cinto de Vera é divino! Legal a gente ter gosto tão parecido para roupas, pros acessórios, pro jeito de arrumar o cabelo. Acho que somos tão amigas porque somos iguizinhas. Ou quase... Pelo menos no que importa.* (ABRAMOVICH, 2009, p.15, grifos da autora)



Tânia Maria Wagner (2010) identifica essa tendência grupal como uma das principais características do adolescente, em seu processo de transformação. Ressaltemos ainda, no trecho acima, o papel que o consumo representa, pois revela todo um grupo preocupado em possuir roupas, acessórios, etc. O consumo é um evento comum nas sociedades modernas, no entanto, pode representar um grande problema, porque pode frustrar profundamente o sujeito incapaz de adquirir determinados bens, e, no caso dos adolescentes, provocando isolamentos, preconceitos pela incapacidade de enquadramento nos



padrões exigidos pelo grupo.

O grupo é fundamental em vários aspectos. Segundo Wagner (2010, p. 162) “[...] o adolescente sente-se muito só, sem os pais externos, que ele ataca, e sem os pais da infância, que ele está destruindo. O grupo, nessas circunstâncias, funciona como protetor e reasssegurador ante a suas angústias e temores”. Para a personagem Débora o grupo representa a possibilidade de ser compreendida, haja visto que não buscava um diálogo com a mãe: “Trocavam olhares cúmplices e soltavam grandes risadas quando alguém dizia palavras ou frases de duplo sentido. Tão bom ser entendida! Na verdade e na malícia” (ABRAMOVICH, 2009, p. 17).

É vivendo esse turbilhão de sensações, emoções e transformações que Débora constantemente busca o espelho, procurando compreender-se, buscando o corpo que deseja. Mas o espelho é um interlocutor bastante malvado.

- Ai, espelho, espelho meu. Existe alguém mais desengonçada do que eu?

- Ninguém! Em nenhuma parte deste imenso universo – respondeu o espelho com voz cavernosa e bruxesca.

Quis chorar. E chorou. Chorou muito, chorou com o corpo inteiro, porque achava que o espelho tinha razão. (ABRAMOVICH, 2009, p.27)

O espelho se apresenta, para a personagem em questão, como um vilão, reforçando-lhe a feiura. Nesse sentido, ele seria essa visão externa, que dita um padrão de corpo, de beleza, que muitas vezes não pode ser alcançado, maltratando assim o corpo adolescente, aprofundando seus complexos, suas crises. Débora se rende ao espelho e chora. Porém, a saída para seus males encontra-se, por meio do seu imaginário, no tornar-se mulher.

Essa metamorfose pode ser conseguida através da menstruação, assim pensa a personagem. A partir dessa perspectiva, ela vive cogitando a chegada desse dia, até que:

Débora sentiu uma pontada esquisita. Foi no banheiro. Olhou, se assustou, não acreditou. Estava sangrando... Quando percebeu e compreendeu direito o que estava acontecendo, só dizia: 'Este é o dia mais feliz e mais importante da minha vida'. [...] O coração batia forte, as mãos caminhavam pelo corpo inteirinho, querendo se certificar de que tudo acontecia com ela e nela.

Estava começando a ser – finalmente – mulher! Será que agora o sofrimento começaria a diminuir, a ser suportável? Será que crescer, a partir de agora, seria bom, gostoso? Será que o corpo ficaria bonito, atraente? Será? Será??? (ABRAMOVICH, 2009, p. 31, grifos da autora)



Após esse rito de passagem, Débora espera que suas indagações sejam respondidas, que sua transformação seja saborosa e bem sucedida. Mas, será que ela logrou tudo isso? Não sabemos, Fanny não nos disse. No entanto, é provável que não, que novas questões, insatisfações e inseguranças tenham surgido, sobretudo, porque nossas identidades são cambiantes.

### **Malu e seus reflexos no espelho**

A segunda parte da narrativa, *Malu, na meia-idade*, inicia apresentando-nos uma mulher cansada, desleixada. Assim como Débora, Malu vai ao encontro no espelho, mas para ela essa atitude demanda uma certa coragem:

Se aproximou do espelho acovardada. Hesitante em se encarar. Não podia dar, de novo, uma olhada rá-

pida e desatenta, como fazia todas as manhãs. Olhou e se assustou. Se assustou com a barriga imensa, com a cintura grossa, com os seios não mais empinados, com a coluna entortada, com a celulite nas coxas, com a flacidez de seus músculos. (ABRAMOVICH, 2009, p. 32)

O tempo havia passado para Malu. Seu corpo havia se transformado tanto, a ponto dela não mais se reconhecer ao colocar-se diante do espelho. Essa mudança despercebida causou na personagem uma grande frustração em relação a si mesma:

*Não acredito, não acredito. Como é que me deixei ficar assim? Quando é que parei de prestar atenção em mim? Por que este corpo duma mulher velha, que ninguém mais repara nas ruas? Nem sei se pior são minhas medidas vergonhosas ou este jeito de-sarrumando, este despenteado, estas roupas surradas, este desinteresse pela minha aparência, pela minha pessoa... (ABRAMOVICH, 2009, p.33, grifos da autora)*



Malu configura-se, a partir da descoberta de que seu corpo não é mais o mesmo, num *corpo envelhecido*, levando-se em conta a classificação formulada por Elódia Xavier (2007). Poderíamos dizer que Malu, ao adentrar os umbrais da maturidade, estaria num processo de envelhecimento, ou seja, seria um corpo em envelhecimento, já que esse é um processo contínuo, uma mudança permanente que finda com a morte.

Sobre a velhice, Xavier (2007), revela que ela se manifesta por meio do corpo e é vivenciada de maneiras distintas, variáveis de acordo com a deterioração corporal e a cultura dominante. Contudo, consiste numa mudança marcante e irreversível. Assim, “a mudança que o envelhecimento produz, muitas vezes aparece mais claramente para os outros do que para o próprio sujeito, porque ela se opera

continuamente e nós mal a percebemos. Nosso inconsciente alimenta a ilusão de uma eterna juventude” (XAVIER, 2007, p.86). Sobre o envelhecimento e seus efeitos na sociedade, Elaine Blessman (2004) destaca que há na sociedade moderna a predominância do pensamento racional, da ideia de que trabalho produtivo e criatividade são atributos da juventude, em contrapartida, a velhice seria a falta de papéis sociais, já que a condição de decadência física não permitiria o exercício adquando de qualquer função. Trata-se de uma imagem totalmente negativa da velhice, atenuada no século XX, que está “pautada, sobretudo na fragilidade biopsíquica e na decadência, resultante da perda do status, de poder econômico e social, quando o mundo passa a ser dominado por quem detém a ciência e a técnica, ou seja, os mais jovens” (BLESSMANN, 2004, p. 03)

No caso de Malu ocorre como o destacado por Xavier (2007). Ela custa a ver que os anos se passaram e que com a passagem deles, também ela fora se modificando:

*Tudo bem, já não sou nenhuma criança. Nem adolescente. Ao contrário, sou mãe de dois.[...] Também não sou nenhuma velha. Estou com 43 anos e dizem que é a idade do esplendor da mulher. Da maturidade, de quem sabe das coisas. Só rindo. No meu caso, deve ser piada. Esplendor? Estou é um traste. Um pesado, disforme e desengonçado saco de batatas. Sabendo das coisas? Nesta esculhambação? Totalmente desprovida de encanto, de atração. (ABRAMOVICH, 2009, p. 33, grifos da autora)*

Quando percebe que seu corpo havia mudado e que, desde então, começava um novo ciclo de sua vida, Malu entra em crise, a tal crise da meia-idade. E ao invés de perceber ou de buscar as vantagens dessa nova fase, centra-se, num primeiro momento, nos aspectos negativos. Goldenberg apud Veiga e Borges (2011) diz que há

grande dificuldade no fato das mulheres se reconhecerem como maduras, pois, geralmente, elas focam sua atenção nas perdas que estão ligadas ao ato de envelhecer. As mulheres nessa fase encontram-se fragilizadas e vitimizadas, sentindo-se invisíveis, ou seja, é como se houvesse uma perda da feminilidade, como se não pudessem mais ser alvo de desejo ou exercer sua sexualidade.

Ao perceber-se em um novo corpo, Malu questiona-se enquanto foco do desejo do esposo. Para ela, nas condições em que estava, não caberia sua presença ao lado dele: “[...] Se soubesse, de repente, que Luís tem outra, não me espantaria. Como é que ele pode viver, dormir, passear ao lado duma mulher assim como eu estou: definitivamente não dá. Se dá pra ele, não dá pra mim” (ABRAMOVICH, 2009, p. 33). Nesse sentido, Xavier (2007), mostra-nos que as mulheres sofrem mais com os efeitos do envelhecimento sobre o corpo do que os homens, visto que há uma imposição e naturalização do corpo feminino enquanto erótico, sensual. Assim, quando o tempo começa a marcar o corpo, por meio da velhice, ele a afasta da beleza e juventude estabelecidas como padrão social.

O corpo aparece como um aparato importante para a identidade feminina. Para Veiga e Borges (2011, p.13):

[...] O corpo - com suas modificações – transformam-se em elemento identitário. Esta identidade diz respeito, também, à identidade de ser mulher, de ser feminina. Mais do que negar ou fugir do envelhecimento, procura-se parecer jovem. Dessa forma, o corpo, sua aparência, os cuidados e práticas desenvolvidas nele e em torno dele, ultrapassa sua condição de objeto para tornar-se, ele mesmo, sujeito e construtor de identidades.

Malu encontra-se com o desafio de aceitar-se nessa nova fase, de reconhecer a nova identidade que lhe é impressa e de lidar as mu-

danças que continuarão a ocorrer. Porém, tal aceitação não é tão fácil, haja visto, que o envelhecimento abala profundamente o psicológico dos sujeitos, de acordo com Xavier (2007). Ela ainda tenta, imagina que tudo é uma ilusão e que aquela que o espelho lhe mostrara, na verdade, não era ela.

Por isso, ao se inspecionar no espelho, Malu decide que é hora da reviravolta, é hora de cuidar de si mesma. Já havia ficado em segundo plano por tempo demais, já que em primeiro lugar sempre estiveram os filhos, o marido e o lar. Havia chegado a sua hora:

*Levei um tranco. Bem feito para mim. Há muito tempo que deixei de prestar atenção na minha aparência. De me cuidar. Sem perceber, fui me transformando numa matrona. Numa desleixada matrona. Agora, chega. Hora de fazer as pazes comigo, de gostar de mim, de me dar um trato. Cuidadoso e carinhoso, geral e urgentíssimo! (ABRAMOVICH, 2009, p. 39, grifos da autora)*

E Malu vai em busca de sua redescoberta. Encontra-se com a mãe, quem já passou pela crise da meia idade e agora vive uma nova fase, pela qual Malu também passará. Dialoga com uma amiga, esta mostra passar pelos mesmos problemas. Volta-se para a filha, que como ela, também está adentrando um novo ciclo da vida. E compreende a mudança.

Como uma das preocupações do corpo em envelhecimento é a sexualidade, o desejo, Malu vai ao ginecologista e depois de uma longa conversa, ela sai mais segura em relação a si e a nova fase: “- A sexualidade, Malu, não começa com a menarca [...]. Nem termina com a [...] menopausa. [...]. Sua vida sexual vai continuar plena, ativa” (ABRAMOVICH, 2009, p.52).

Em meio esse turbilhão de emoções, de redescoberta, é que se

dá o encontro entre Malu e o espelho, encontro em que a personagem faz a fatídica pergunta:

- Ai espelho, espelho meu. Existe, neste mundo, alguma coroa mais desengonçada do que eu?

- Ninguém! Nenhuma pessoa. Em lugar nenhum deste imenso universo – respondeu o espelho com voz cavernosa e bruxesca.

Malu quis chorar. Depois sorriu. E riu, riu muito. Talvez as senhoras ao seu lado fizessem a mesma pergunta e talvez ouvissem a mesma resposta. (ABRAMOVICH, 2009, p.55)

Ao contrário da filha, Débora, quando do mesmo episódio, Malu desafia o espelho, pisca para ele, se arruma, e dança, contente, satisfeita com a mulher que é, e com a compreensão de que está em constante transformação. Consciente de que ela não perde a sua feminilidade, mas sim que sua identidade não é fixa, que se transforma, que dentro de si habitam várias mulheres, a que existiu, a que vive o momento e a que está por vir. Cada uma com sua beleza, sensualidade e sabedoria. Ao olhar Débora se preparando para ir a uma festa, reflete:

*[...] Está virando mulher. Está iniciando um novo ciclo orgânico, físico. Este mesmo que eu, agora, começo a encerrar. Logo entrarei na menopausa, como há alguns anos minha mãe entrou. Encerrou e seguiu sendo mulher. Não em crescimento, mas em declínio. Declínio físico, crescimento vital, sabedoria acumulada. Como se fôssemos pontos da mesma roda. Gira, é a vez de uma. Gira, é a vez de outra. Gira, o busto surge. Gira, a sensualidade explode. Gira, é inteira exuberância. Gira, serena, madura. Gira, se torna mãe. Gira, dá com sinais da velhice. Gira, mergulha em si mesma. Gira, é avó. Sempre sendo mulher. Sempre sensual. Sempre sofrida em transformação e dolorosa compreensão de cada etapa. Sempre descobrindo as novas diferentes formas de atração, em cada volta e reviravolta. (ABRAMOVICH, 2009, p.55)*

O espelho cruza novamente o caminho de Malu, mas agora encontra uma mulher preparada, renovada. Que não se deixa enganar e abalar pelo reflexo.

Malu se olhava no espelho. Vagarosamente. Contentamente. E se perguntava se nesta nova etapa recuperaria a Luisinha, a Maria Luisa, a jovem Malu, nesta nova Malu que via. Não sabia, ainda. Tinha tempo para encontrar a resposta. Sorriu docemente. Começava, agora, a viver a idade do esplendor da mulher. De quem sabe das coisas! Não era mais tempo de pressa, de urgências. Momentos de saborear muito, devagar e plenamente o que quisesse, o que importasse, o que valesse a pena. Questão de escolha. De madura escolha. (ABRAMOVICH, 2009, p. 60)

*Espelho, espelho meu* termina com uma Malu bem resolvida, 11 quilos mais magra e tendo o espelho como um aliado.

### Considerações Finais

A partir do estudo das personagens Débora e Malu foi possível refletimos sobre o feminino, através dos corpos adolescente e envelhecido ou em envelhecimento. Vimos que a identidade está marcada nos corpos dos sujeitos e reflete neles a sua dinamicidade e transitoriedade.

Tivemos a oportunidade ainda de vislumbrar o quanto a literatura infanto-juvenil, por meio da obra *Espelho, espelho meu* de Fanny Abramovich, tem a nos oferecer em termos de buscar a função humanizadora da literatura, dando-nos a possibilidade de estudar temas tão complexos como o corpo, a identidade, a subjetividade humana,



as relações interpessoais (familiares). Revelando, que o que foi escrito aqui não esgota as possibilidades que a obra apresenta para estudo e análise.

Contudo, no viés de análise do corpo x espelho, percebemos que tanto o corpo adolescente, em formação, quanto o *corpo envelhecido* ou em envelhecimento, em deformação, no sentido físico, e em trans(formação), buscam fugir da invisibilidade, querem ser alvo de desejo, de atenção e de afeto. E que a depender do modo como encaramos o espelho, podemos tê-lo como aliado ou como vilão. Tudo depende de fato da nossa capacidade de aceitação e concepção da mudança que alcança a todos.

### Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Espelho, espelho meu**. 14 ed. São Paulo: Atual, 2009.
- BLESSMANN, Eliane Jost. CORPOREIDADE E ENVELHECIMENTO: o significado do corpo na velhice. Estud. interdiscip. envelhec. **Revista Envelhecer**. Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004,.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CARRIJO, Silvana Augusta B. Corpo meu, corpo seu... Representação literária do corpo na narrativa juvenil *Espelho, espelho meu*, de Fanny Abramovich. In: XIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA E III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA. Anais do SILEL, Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 01-09.
- \_\_\_\_\_. Marina Colasanti: Mulher em Prosa e Verso. 2003, 169 p.; Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PUFF, Sandra. O Espelho: Simbologias, Literatura e Arte. Disponível em: <<http://sapatinhosdadorothy.blogspot.com.br/2011/09/o-espeelho-e-suas-simbologias-literatra.html>>. Acesso: 20 de jun de 2013.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. **Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VEIGA, Marcia Regina M., BORGES, Z. N. O Corpo Feminino na Matuidade: Gênero, Sexualidade e Envelhecimento. In: XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Anais do XI CONLAB. Salvador: Universidade Federal Da Bahia, 2011, p. 01-16.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

WAGNER, Tânia Maria Cemim. Adolescência: aspectos psicodinâmicos. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert, SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (org.). **Multiplicidade dos signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil**. 2.ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

WILLRICH, Bernardo Augusto. **Reflexos de uma escrita: representações do espelho na literatura**. 2012, 52 p; Trabalho de Conclusão de Curso ( Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2012.

**Recebido em 07/02/2017**

**Aceito em 20/07/2017**